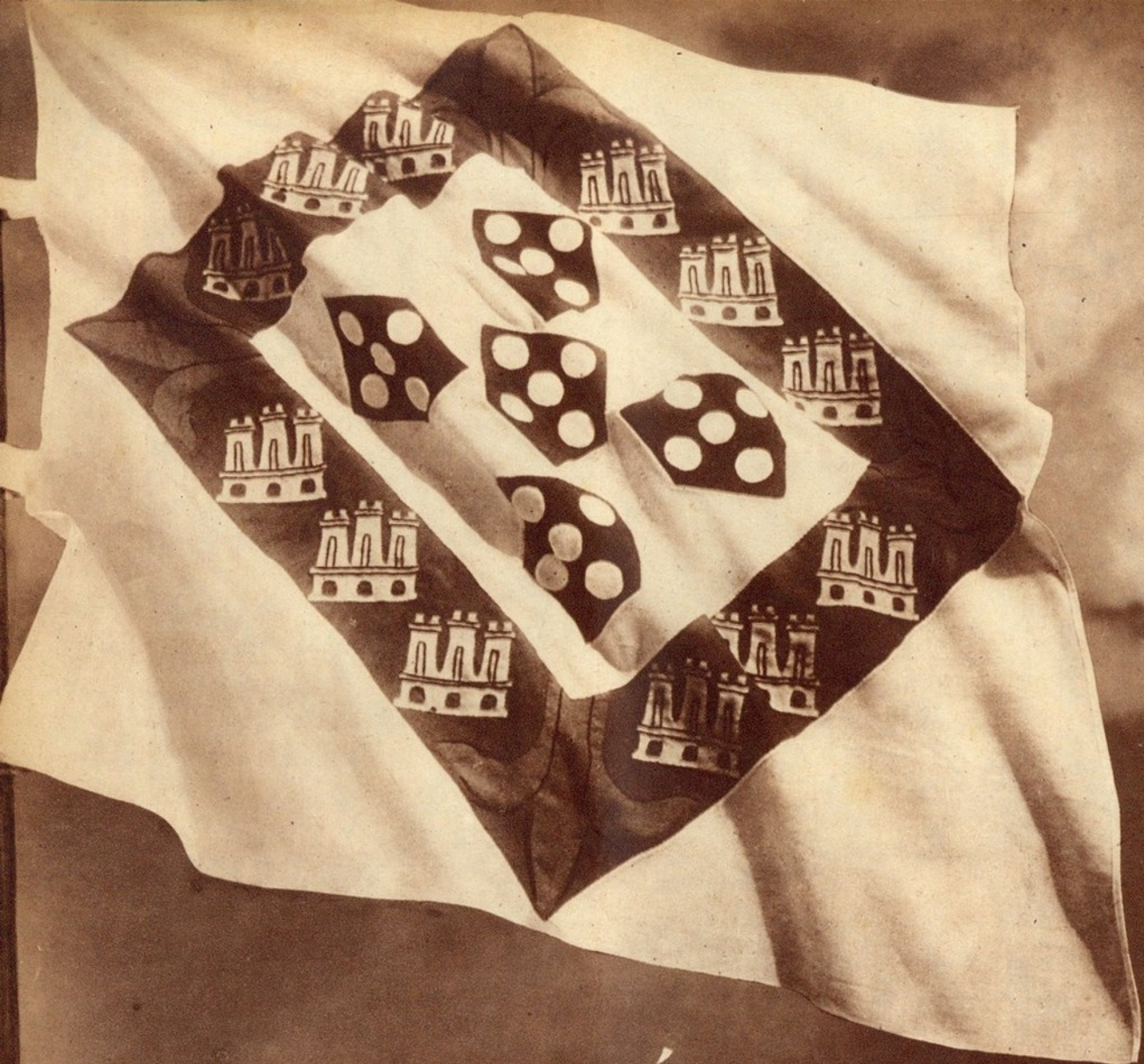
NO JARDIM DA COLÓNIA DE FÉRIAS DA M. P. F. NA GRANJA: — DUAS FLORES

SUMÁRIO

N.º 6

OBRA DAS MÃES PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

"MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA"

BOLETIM MENSAL — LISBOA, OUTUBRO DE 1939

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina.
Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8.
Arranjo gráfico, gravura e impressão de Neogravura, Ltd.ª, Travessa da Oliveira, à Estrêla, n.º 6 — Lisboa

VENCER COM SANGUE

REGRESSANDO de um dos seus costumados e terríveis invernos passados no Polo, voluntàriamente isolado entre gêlos, o almirante Byrd escrevia num jornal:

"Certamente que sofri, mas êste sofrimento fica muito àquém do que ganhei na minha solidão. Precisava criar as minhas alegrias com auxílio de limitados meios de acção; o mundo civilisado dá-nos a vida já feita — e os prazeres estão como que industrialisados. Desaprendemos de *viver por nós próprios* e já não nos preocupam os autênticos valores".

Lição austera esta para o nosso tempo — para os homens do nosso século para quem a alegria de viver passou a ser realidade tão estranha, tão ausente de nós mesmos, que já passou aquela graça das almas que queriam ganhar a custo de lágrimas e dôres — as supremas mestras da vida.

Tôda a educação de agora é tão ligeira, tão á superficie, mete tão pouco as raizes no fundo das consciências que mal se apercebem de viver, os que vivem — e a existência de noventa e cinco por cento da humanidade não experimentou sequer o que há de grandeza humana e por isso espiritual no glorioso combate da vida.

Em agonia lenta andam para aí tantos e tantos que não souberam criar a *necessidade de existir* e menos a *glória de ser* — enchendo o mundo de tristíssima mediocridade e horrível mentira, e criando já um vasio que assusta pavorosamente.

Ouvi esta pedagogia de H. de Fourville:

"Habituai-vos a caminhar direito, debaixo das vistas simples e directas do espírito em direcção ao ponto principal da questão — e depois trabalhai por meio das vossas próprias reflexões e ainda mais que nos livros, até a esclarecerdes nitidamente, até a terdes estabelecido sòlidamente em face de vós mesmos e conforme o vosso posto". A isto se chama *vencer com alegria*.

VENCER COM SANGUE

— Benditos sejam os que arrancam ao mundo das coisas os segredos que êle ainda guarda — e os que sobem as escarpas para chegar aos cimos onde os ares são castos e os olhos se pregam com segurança no azul a dizerem onde Deus mora.

— Benditos sejam os que sabem viver, os que *querem* viver, exigindo a si mesmos tudo quanto podem dar — para o pôrem logo de seguida a render a favor dos outros todos.

— Benditos sejam os que se mortificam para beneficiar a Terra com aquela quota parte de felicidade que Deus distribuiu a cada homem e que tantos usufruem egoistamente, miseràvelmente.

— Benditos sejam os que regam os caminhos da vida com bagos de suor e gôtas de sangue assinalando assim a sua passagem heroica.

Ciência, profissão, apostolado... sagradas ocupações da família e do lar...

...Humildes e desconhecidas missões... valeis apenas na medida em que aqueles que ocuparem seja que pôsto fôr, aí estiverem para cumprir — cumprir a tôdo o custo **até ao sangue!** G. A.

AS FALANGISTAS EM LISBOA

PASSARAM em Lisboa a caminho de Cadiz, Ceuta, Palma de Maiorca e Alicante, onde findaria o seu cruzeiro, 180 raparigas da Falange espanhola.

Lisboa recebeu-as com alegria, em que havia admiração e ternura, que tudo mereciam essas belas raparigas, que ao serviço da Pátria e em defeza da civilização cristã, tão generosamente se dedicaram durante a guerra.

E se todos lhes dispensaram um acolhimento afectuoso, êsse acolhimento da parte da M. P. F. não poderia deixar de ser o mais íntimo e fraternal, porque *Falangistas* e *Mocidade* são parentas muita chegadas: são quási irmãs! A esperá-las, compareceram no cais a Comissária Nacional da M. P. F., D. Maria Guardiola, acompanhada pelas suas Adjuntas D. Fernanda d'Orey e D. Maria Luisa van-Zeller; as Delegadas das Províncias da Extremadura e Beira Baixa, D. Alice Guardiola e D. Maria Luísa Palma de Carvalho; as Sub-Delegadas de Lisboa e Cascais, D. Emília Sousa Castro e Condessa de Almoster, que também representava a Snr.ª Condessa de Rilvas, presidente da O. M. E. N.; a Adjunta da Sub-Delegada Regional de Oeiras, D. Sofia Macedo; a Directora de Centro D. Isabel Negrão e um grupo de filiadas.

Logo a seguir ao desembarque, estas senhoras, que carinhosamente acompanharam sempre as Falangistas durante a sua permanência em Lisboa, visitaram com elas o Mosteiro dos Jerónimos, o Museu das Coches e o Bairro Social da Ajuda.

Em seguida foi servido a todas, Falangistas e Dirigentes da M. P. F., um almôço oferecido pela F. N. A. T. na sua Colónia de Férias na Costa da Caparica.

No regresso, as Dirigentes da Falange, D. Maria Antónia Villalonga, D. Josefa Morales e D. Mercedes Werner, acompanhadas pela senhora D. Maria Guardiola, Comissária Nacional da M. F. P., estiveram na Presidência do Conselho a deixar cartões de cumprimentos.

No resto da tarde percorreram a cidade, mostrando-se encantadas com os panoramas que se disfrutam de alguns dos seus miradoiros. Por falta de tempo, não se realizaram as visitas aos liceus D. Filipa de Lencastre e Maria Amália Vaz de Carvalho, nem tão pouco ao Centro Social de O. M. E. N. em Cascais e à Colónia de Férias da M. P. F. no Estoril.

No dia seguinte de manhã as Falangistas, acompanhadas pelas Dirigentes da M. P. F., foram ver a Estufa Fria do Parque Eduardo VII e o Jardim Zoológico, dirigindo-se em seguida para Sintra e dali para Cascais e Estoril, onde almoçaram.

À mesa, em lugares de honra, encontravam-se a senhora Condessa de Almoster, representando a senhora Condessa de Rilvas, Presidente Nacional da O. M. E. N., e a senhora D. Maria Guardiola, Comissária Nacional da M. P. F., a senhora D. Maria Ruiz de Lloret, Delegada do Auxílio Social da Falange, etc.

Depois do almôço, dirigiram-se todas para a Parede, de visita ao Rádio Club Português, que tão de perto acompanhou e ajudou a Espanha Nacionalista durante as horas graves e incertas da guerra. À tarde, as Falangistas, acompanhadas pelo Capelão do cruzeiro R.º D. Ramon Lamas, o Capitão do navio D. Francisco S. Villalonga e pelo Comandante Militar D. Manuel de Badoya, visitaram a séde da "Obra das Mãis pela Educação Nacional" e da "Mocidade Portuguesa Feminina", onde lhes foi oferecido um lanche.

Nessa ocasião, a senhora Condessa de Rilvas saúdou as nossas ilustres e queridas visitantes, começando por lhes dizer a sua alegria por as receber naquela casa que "simbolisa o lar de tôda a mulher nacionalista portuguesa„. E com palavras em que ia todo o seu coração, disse quanto desejaria fazer-lhes sentir a admiração e a gratidão de tôdas as mulheres cristãs de Portugal. Terminou pedindo-lhes para levarem "a tôdas aquelas que junto de vós lutaram e sofreram e na vossa Pátria vos esperam — um grande abraço de Portugal!"

A senhora D. Maria Antónia Villalonga agradeceu à senhora Condessa de Rilvas, afirmando-lhe que a mulher espanhola está ao lado da mulher portuguesa no seu ideal do bem servir a Deus e trabalhar na restauração da sociedade. Depois de percorridas todas as dependências, uma delegação das Falangistas visitou o senhor Cardeal Patriarca e ainda o senhor Ministro da Educação Nacional.

O senhor Dr. Carneiro Pacheco, depois de ter escutado a senhora D. Maria Antónia Villalonga, que lhe apresentou em nome de todas as suas companheiras os seus cumprimentos e agradecimentos e lhe manifestou as boas impressões que levavam da visita a Portugal, exaltou em justas palavras o esfôrço heróico da Falange durante a guerra e a esperança que ela representa na hora igualmente grande da paz.

Sua Ex.ª, depois de ter indicado vários pontos de contacto entre a Falange Espanhola e a Mocidade Portuguesa Feminina, disse que a M. P. F. também está preparada para a mesma missão que as Falangistas souberam tão bem desempenhar quando a Espanha precisou da sua dedicação e sacrifício para se salvar.

À noite, as Falangistas assistiram no Gimnásio do Liceu Camões à exibição do filme "A Revolução de Maio".

O 3.º dia da estada em Portugal foi também o dia da partida.

De manhã as Falangistas visitaram ainda alguns monumentos e passearam pelas ruas da cidade.

Ao meio dia foram recebidas na séde da Falange espanhola pelo embaixador senhor Nicolás Franco.

Trocaram-se cumprimentos e foi servido um copo de água.

Ás 14,30 realizou-se no "Ciudad de Alicante„ um almôço oferecido às dirigentes da O. M. E. N. e da M. P. F.

E assim terminou, com brindes afectuosos, em que se estreitou a amizade entre as duas nações vizinhas, a visita das Falangistas espanholas a Portugal.

À despedida, nos braços das dirigentes da M. P. F. viam-se lindos ramos de cravos, que as Falangistas ali quizeram deixar, num último agradecimento e numa expressão de saúdade.

É entre "vivas", palmas e as notas da "Portuguesa", que as Falangistas entoaram, estendendo os braços numa derradeira saúdação, o navio largou, seguido pelos olhos e o coração dos portugueses!

EM CIMA: — No Ministério da Educação Nacional, onde o Capelão de Bordo e as Falangistas foram cumprimentar o Senhor Doutor Carneiro Pacheco.

EM BAIXO: — Na linda mata da Caparica esperando o almôço oferecido pela F. N.

EM CIMA: — No convés do Ciudad Alicante: — um dos aspectos da despedida.

EM BAIXO: — Uma saüdação de despedida manifestando a amizade de dois povos num viva de entusiasmo pelos seus Chefes.

PERDER TEMPO...

QUAL de vós não sentiu já como vôam os minutos antes de sair para a escola?! Tôdas o teem sentido, sim, mas nem tôdas dão o justo valor a êsse tempo.

Duas ou três "faltas" por chegar tarde não são bastante para as fazer corrigir o seu horário.

— "Qual é afinal a razão porque não consigo chegar a horas?" Preguntará a si mesma uma retardatária.

— "Levantei-me hoje um pouco mais tarde, mas isso não teve importância, o pior foi o tempo que gastei a rever a matemática e a copiar os apontamentos de ontem... isso é que levou o tempo".

Não. O que a fez atrazar foi o difícil penteado de caracolinhos. O seu cabelo não é naturalmente anelado, e a despeito das boas invenções modernas, a natureza não quere ser contrariada; e teima... teima em não tomar o jeito que lhe impõem.

— "Uff! Que arrelia! Que maçada! Hoje o cabelo está mesmo irritante, não há ganchinhos que cheguem... e então hoje que estou tam atrazada... tenho vontade de escangalhar tudo..."

Mas não escangalha; não escangalha porque é moda, e pensa erradamente em igualar-se a quem pode acompanhar a moda.

Ora, acompanhar a moda, seguindo com rigor os seus detalhes, é, só por si, uma grande e difícil ocupação.

Uma filiada não pode nem deve roubar tempo aos estudos para macaquear a moda do momento.

Procure pentear-se e vestir-se com equilíbrio, escolhendo dentro da moda o que lhe fique bem, mas que seja ao mesmo tempo prático e próprio, e verá, como de manhã, antes de sair de casa, apreciará o gôso de uns minutos de calma e satisfação consigo própria.

Deixará tudo arrumado, não esquecerá coisa alguma do seu estudo, terá tempo bastante para as suas devoções, e... irá devagar pelo caminho.

M.

Na hora do regresso

PARTEM as andorinhas, sempre em busca da primavera. Não podem viver sem sol, não sabem viver sem alegria!

E quando as andorinhas partem, atravessando os mares, sôa também para nós a hora do regresso à cidade e às nossas ocupações; e fazêmo-lo talvez com mais saüdades do que as andorinhas, porque deixamos atrás de nós a liberdade e o azul do céu, que para as andorinhas é sempre o mesmo!

Mas a hora do regresso também tem doçura: é doce voltar ao lar e o próprio trabalho que se largou e se retoma tem consolação.

E se o ideal das andorinhas — o ideal que as leva tão longe e voando tão alto é a primavera — embora a nossa vida não possa decorrer sempre numa primavera florida — também temos de passar pelo inverno e pela tristeza — no entanto, a nossa alma deveria, como as andorinhas, desejar sempre a primavera. Que primavera? Aquela em que floresce o ideal.

Mas o ideal não julgueis que é qualquer coisa de muito extraordinário.

Ter um ideal é simplesmente conceber uma ideia da vida grande, útil e bela, e ir realisando no nosso dia a dia, no cumprimento de todos os nossos deveres, êsse ideal que puzemos tão alto, mas que temos de integrar na realidade, porque, doutro meio, não passará duma quimera, duma fantasia!

Nesta hora do regresso, é preciso levantá-lo, o nosso ideal, para que seja êle a orientar-nos, a dar-nos inspiração, fôrça e alegria para bem vivermos o ano que começa.

Que queremos que seja o nosso novo ano? Melhor do que foi o ano anterior? Êste descontentamento do passado, êste desejo dum presente melhor e dum futuro cada vez mais perfeito, é preciso concretisá-lo num ideal.

O nosso ideal deve ser sempre um aperfeiçoamento daquilo que nos parece incompleto ou imperfeito.

Pensemos um bocadinho na nossa vida, e dos seus próprios desvios, lacunas e defeitos, surgirá, por contraste de rectidão e de beleza, o ideal para o nosso novo ano.

Foi talvez, o ano lectivo passado, um ano fraquinho nos nossos estudos?

Punhamos mais alto o nosso ideal: êste ano queremos trabalhar e ser das primeiras!

Foi talvez, o ano que passou, um ano em que descuidámos a nossa vida interior, deixando crescer as silvas e as ervas daninhas no jardim do Senhor que é a nossa alma?

Punhamos mais alto o nosso ideal: êste ano queremos cultivar em nós aquelas virtudes sólidas que tornando-nos mais agradáveis a Deus, nos tornarão também mais felizes.

Foi talvez, o ano que passou, um ano inútil em que egoistamente vivemos só para nós?

Punhamos mais alto o nosso ideal: procuremos tornar-nos úteis na nossa família, na roda das nossas companheiras — em tôda a parte!

Ideal de trabalho, ideal de perfeição própria, ideal de bondade e de amôr do próximo: só êste ideal — podeis crer — satisfará as aspirações profundas da vossa alma criada para o bem e a felicidade.

Raparigas da Mocidade! Começai o vosso ano de trabalhos, não com o aborrecimento de quem se sujeita a uma obrigação penosa, mas com a alegria de quem parte à conquista dum ideal.

Trabalhai com gôsto, com coragem, com entusiasmo!

COCCINELLE

SANTOS PORTUGUESES
SÃO VITOURO DE BRAGA

À firmeza da fé do cristão cabe a supremacia da elegância moral que seria em conjunto a felicidade dos povos.

O fraco raciocinio humano são poucos os fiéis dignos da fé que o professam.

Miserável orgulho duma clarividência que se considera temorosamente inflexível.

Nunca, aos tristes mortais será dado compreender a grandeza da misericórdia divina.

Assentemos como verdade irredutivel que, dignos do Senhor nunca sômos, mas que, para o merecermos, basta sentir no coração aquele imenso Amôr que não sabe recuar.

Aquele imenso Amôr a que o Divino Crucificado responde sempre com a inexcedivel eloqüência da sua Presença nas almas dos pecadores que O invocam, como nas consciências dos justos. Jesus é a única afirmação para que não existe poder negativo.

Da sua magnanimidade só duvidam os sêres inferiores que se debatem nas trevas onde êles próprios se lançaram com a ciência da heresia ou da blasfémia.

Mas êsses mesmos... gaguejam.

Só aquele que exaltar a justiça de Deus sem a análise mesquinha do juizo próprio falará com razão e sabedoria.

O exemplo edificante de São Victor de Braga, a quem mais vulgarmente chamaram S. Vitouro, que não quiz sacrificar a um idolo que estava perto do rio Lethes, quando era ainda apenas catecumeno, não deve ser esquecido para em tempo algum nos deixarmos atemorizar pelo inimigo.

....

No tempo da dominação romana havia nos arredores de Braga um sumptuoso Templo pagão onde o feroz perfeito Daciano pretendeu um dia divertir-se.

Presenciaria o espectáculo das torturas infligidas por ordem do Imperador a todos os cristãos.

Como se deleitasse cruelmente com o mal que se cumpria, soboreava-o antecipadamente, reservando para o fim os requintes mais extravagantes.

Começou pelo número mais inocente do seu diabólico programa, experimentar a coragem dos que dedicavam vida e morte a Jesus, obrigando-os a sacrificar aos idolos a mais intima fidelidade ao Nazareno.

Grande contratempo viria porém transtornar os seus planos de malvadez.

Nenhum dos catecumenos devia trair o Senhor que adorava.

Abreviara-se portanto o espectáculo que perdia o interêsse pelos sucessivos mandados de execução.

....

Era a vez de Victor.

A sua recusa foi formal e violenta.

Figura de nobre aspecto, fronte erguida e olhos cravados no Céu, avançou com a fronte iluminada e os braços erguidos exclamando:

—"É Jesus Cristo o único Deus que reconheço, e a Sua Santa Doutrina a minha única Lei!"

As armas dos soldados romanos entrechocaram-se para o levar prêso à presença de Daciano.

O cruel Pretor prometeu libertá-lo se o visse dar provas públicas de renegado.

Entretanto a multidão ululava de olhos em fogo e punhos cerrados pela ira.

Victor respondeu categòricamente:

—"Só renegam Cristo aqueles que o desconhecem. E o Senhor não me pode ter abandonado!"

Ajoelhou em seguida para orar e permaneceu longamente em êxtase.

Deveras impressionado, como freqüentes vezes lhe sucedeu, com a firmeza dos mártires, Daciano tentou uma gargalhada que ecoou mal segura.

Os soldados avançaram ràpidamente para despir e açoitar o condenado.

O pobre rapaz não esboçou o mais ligeiro gesto de defeza.

Antes rejubilava em pleno martírio.

E quando a cabeça de S. Victor rolou por terra degolada, a sua alma agradecia ainda ao Céu ter padecido os mesmos ultrages que já passara o seu Divino Mestre.

BERTHA LEITE

A nossa Colónia de Férias da Granja

CHEGUEI à Granja no dia 2 de Setembro. Tôda a tarde choveu a bom chover. Não uma destas chuvas de trovoada que no verão são quási uma alegria porque depois do aguaceiro rompe logo o sol. Era uma chuva que parecia de inverno, teimosa, que punha tristeza em tudo.

Mas qual não foi a minha surpreza ao ver que dentro da Colónia a tristeza do dia se não fazia sentir; brilhava um sol que nenhuma chuva apaga: a alegria!

E tôda a tarde, a-pesar-da chuva continuar a caìr, fechando em casa êste bando de 57 passaritos anciosos de liberdade, não houve um momento de aborrecimento, tão bem o tempo foi preenchido.

Uma lição de canto pôs os "passaritos" todos a cantar. Cantou-se de tudo um pouco: a "Portuguêsa", o hino da "Mocidade", canções regionais. E que bom que é cantar! Enche-se a alma de luz!

Depois as Instrutoras ensinaram jogos novos. E que bom que é brincar! Enche-se o coração de alegria!

Em seguida improvisou-se uma *récita*. Quem sabia versos e canções, da Escola ou lá da terra, veiu dizê-los, e não faltaram palmas e números *bisados*.

À hora do terço, não sendo possível ir à capela por causa do mau tempo, na sala em que se brincava, ali mesmo se resou.

Resar, brincar... Tudo é do mesmo modo agradável a Deus, quando risos e orações sobem para o céu com a mesma simplicidade do coração.

Ao aproximar-se a hora do jantar, reparei que uma graduada e um grupo de filiadas desapareceram...

Estavam de *serviço* naquele dia, iam pôr a mêsa.

Não faltam criadas na Colónia; mas em cada dia (calha uma vez por semana a cada grupo) algumas pequenas, dirigidas por uma graduada, encarregam-se da sala de jantar. E fazem-no com um gôsto que parece que é mais um divertimento a juntar aos outros.

Dá graça à sala vê-las a voltejar, ligeiras e contentes, servindo à mesa as companheiras e a nós. Assim vão aprendendo os serviços domésticos e conhecendo a alegria de ser úteis, de prestar serviços.

No dia seguinte voltou o sol. Abriram-se as portas, foi-se para a mata.

A casa em que está instalada a M. P. F. na Granja é uma casa ideal para uma Colónia de férias.

Além de ser, em si mesma, uma casa grande e óptima, está lindamente situada. Embora não tivesse o mar muito perto, bastaria a sua lindíssima mata para ser um lugar magnífico para uma Colónia de férias.

Nas ruas largas da mata, sob a sombra acolhedora das árvores, há espaço para todos os jogos. E se se quer passear ou correr, caminhos pitorescos levam a recantos encantadores.

Em velhas fontes, corre a água... Das latadas pendem uvas maduras... Há flôres no jardim, em canteiros de buxo... Ouve-se a eterna canção do mar... Mais perto, cantam passarinhos... E da capela, a dois passos, N. Senhor parece olhar para nós e abençoar-nos, tanta doçura, tanta graça, se sente naquela paz...

É um cantinho do paraíso. Porisso, quando se não está na praia, está-se na mata.

Improvisam-se lições de botânica, descobrem-se ninhos. Tudo é um motivo de alegria!

Joga-se a bola, dançam-se rodas, canta-se e ri-se.

Os jogos são escolhidos. Em alguns faz-se gimnástica, sem se dar por tal, mas os movimentos foram previstos e estudados. Em outros cultiva-se a vontade e a atenção, o espírito de observação ou de iniciativa.

E assim, a brincar, se vão formando as nossas raparigas.

Mas, é claro, a praia é o lugar favorito. A areia e a água são o sonho de todas as crianças. Nada mais seria preciso para que se sentissem felizes, mas também ali se segue a mesma orientação de a brincar contribuir para o desenvolvimento físico e a educação das Filiadas.

Sob a direcção das Instrutoras, organisam-se jogos e também não falta a gimnástica, ao sol e face ao mar!

Por fim, é o banho, a hora deliciosa entre todas.

E na praia, de manhã, e na mata, à tarde, a brincar e a aprender, assim passam os dias, todos iguais, mas parece que todos diferentes também, porque nunca se sente o aborrecimento de monotonia — é sempre uma alegria nova!

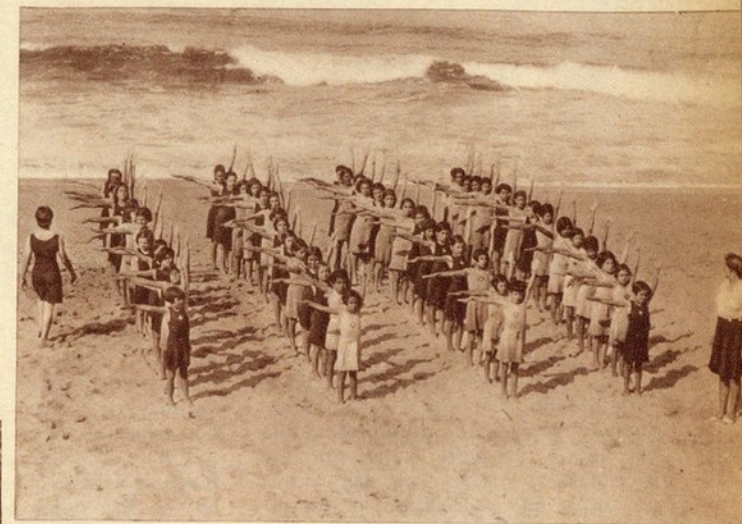
Alegria!... Para que a alegria na Colónia seja perfeita todos contribuem com a sua parte de amor e de bondade. Todas as dirigentes, eu as senti a amar, com a seriedade cuidadosa de quem sente a sua responsabilidade de educadoras, mas de quem sabe também sorrir e acarinhar, para que nenhuma pequenina ali sinta a falta do regaço maternal.

E é porque cada uma assim sabe cumprir a sua missão, animadas todas do mesmo desejo de dar o máximo do seu esfôrço e do seu coração, que nesta Colónia de Férias se consegue êste ambiente de vida familiar e feliz que desde a primeira hora tanto me encantou e que me fez deixar a Granja com saùdades, com pena de já me vir embora, e não ser eu a última a saír, no último dia...

Granja, 4 de Setembro.

Maria Joana Mendes Leal

EM CIMA: — A casa onde esteve instalada a Colónia na Granja.

EM BAIXO: — Grupo de Filiadas de Vila Real que fizeram parte do 2.º Turno da Colónia da Granja.

EM CIMA: — Uma lição de gimnástica na praia.

AO MEIO: — Graduadas em alegre camaradagem na mata da casa da Colónia.

EM BAIXO: — Fazendo horas para o banho em alegres brincadeiras.

PÁGINA DAS LUSITAS

POR MARIA PAULA DE AZEVEDO

ERA UMA VEZ...

Ana Maria A *corcundinha*

TODOS se riam dela, na aldeia, por ser disforme, coitadinha! Era uma falta de caridade tão grande, que até o senhor prior, muitas vezes, ralhava a bom ralhar durante a catequese. E que estupidês selvagem a dêsse riso das outras crianças, não se lembrando que poderiam ter igual desgraça, mais dia, menos dia...

O que é certo é que a pobre Ana Maria vivia triste em casa da madrinha, pobre também, que a levara para casa por terem morrido os pais da corcundinha. Ana Maria era boa e inteligente; fazia recados a todos, ajudava a madrinha no arranjo da casa e, a-pesar-de ter só oito anos, lá ia também tirando alinhavos ou chuleando costuras. O seu corpito era feio e torto, é certo; mas a sua alma linda e sã como poucas!

— E eu nunca poderei ter as costas direitas como as outras? — preguntou ela um dia à menina Francisquinha, que ensinava a catequese na igreja.

— Minha pobre Ana Maria, só um milagre te pode curar — respondeu Francisquinha acariciando-a — Nossa Senhora queira fazê-lo...

— Ainda há milagres? — tornou Ana Maria, esperançada.

— Há, sim, Ana Maria; mas o que tu deves é pensar só na tua alma: se a tiveres sempre boa e linda, ninguém se importa que o teu corpo seja aleijado.

Mas no meio da tropa turbulenta das crianças, ouvia-se sempre, em tom de troça:

— Lá vai a marreca! Larga o saco que levas às costas! — e outras maldades.

Uma tarde, saíam todos da igreja, acabada a doutrina, e viram um cãosito pequeno, de rabo cortado e aspecto lazarento, a fugir, ganindo, perseguido pelas pedradas dum garoto.

Já uma grande pedra o apanhara numa das pernas e o pobre animal deixou-se cair sem fôrças para correr mais.

— Agora é que é bater-lhe — gritava um rapaz; e vinham-se aproximando vários outros, rindo maldosamente.

Então Ana Maria, a-pesar-da sua fraqueza e da sua pequenês, chegou-se ao cão, pegou-lhe com carinho e sentou-se no chão abraçada ao animal.

— Se lhe quizerem bater hão-de bater-me a mim também — gritou indignada.

— Larga o cão, marreca!

— Tira-te daí, aleijada!

— O côxo e a corcunda agarrados um ao outro!

E eram gargalhadas medonhas.

Ao ouvir o borborinho que ia crescendo, algumas mulheres da aldeia assomaram às portas chamando a rapaziada, e, quando se viu o próprio senhor prior saír da igreja, debandou o rancho todo, ficando apenas Ana Maria, chorosa, a ameigar o rafeiro que lhe lambia as mãos.

Desde êsse dia nunca mais o cão deixou a corcundinha.

Uma tarde de outono, teve Ana Maria de atravessar o pinhal para ir levar um trabalho à aldeia vizinha. O céu toldara-se, a escuridão ia aumentando, e Ana Maria assustou-se ao ouvir um forte trovão. Na sua pressa de chegar com o trabalho antes da noite, começou a correr, acompanhada pelo fiel Carocho; mas tão desastradamente correu que tropeçou na raís dum pinheiro e caíu sem sentidos no chão pedregoso!

Pobre Ana Maria!

O Carocho ladrava junto à dona, lambia-a, dava-lhe focinhadas ligeiras. De repente, o Carocho desatou a correr vertiginosamente, como se alguém o perseguisse, deixando a corcundinha, sem sentidos, deitada no pinhal.

Correu, correu, sem saber para onde...

E chegou perto duma linda casa portuguesa na orla daquele grande pinhal. O cão parou na sua louca correria e poz-se a ladrar, a ganir e a uivar com tal fôrça que um homem alto e forte apareceu à janela.

— Que esquisito ladrar o dêste bicho! — disse êle virando-se para dentro de casa.

— Oh Maria, ouves? — continuou.

— Parece aflito — comentou uma voz de mulher.

— E não se cala — continuou o homem — vou ver o que isto é.

Ao vê-lo chegar ao portão o Carocho calou-se de repente; e fincando-lhe os dentes no casaco começou a puxá-lo com fôrça para o pinhal...

E o doutor Oliveira, médico afamado que ali passava uma parte do ano, deixou-se levar pelo cão até junto da pobre Ana Maria, que trouxe nos seus braços para casa.

. . . .

Passados anos, tratada com tôda a ciência moderna, junta ao maior carinho, Ana Maria, completamente curada, era uma linda e alegre pequena, adoptada como filha pelo médico e sua mulher; e o Carocho, a quem ela devia a vida, ali vivia com ela, felizes ambos o mais possível.

E Ana Maria repetia sempre, cheia de convicção:

— Há milagres, há. Bemdita seja Nossa Senhora!

ABELHINHAS

— Estou desconsolada com a colmeia — declarou Maria Amélia.

— Porquê? — preguntou Mariasinha, uma abelha muito pequena, sim, mas trabalhadeira como poucas.

— Porquê?! porque passei o mês de Setembro à espera de cartas e cartinhas a contar dos centros, dos trabalhos, dos projectos, das ideias...

— E então?

— Três vezes nada coisa nenhuma! — gritou a Abelha Mestra muito zangada — Se assim continua — tornou, — desisto desta associação. Vamos nós quatro (a Mariasinha, a Vera, a Eugénia e eu) trabalhando cá em casa como pudermos; e no Natal temos uma quantidade de coisas para dar às crianças pobres. Valeu?

— Valeu! Valeu! — esclamaram as três outras com entusiasmo.

A LUSITA nunca deve:

Deixar de ter as unhas limpíssimas.

Deixar de cumprir o melhor possível TODAS as suas obrigações diárias.

Pôr os cotovêlos em cima da mesa durante as refeições.

Estar sem fazer nada.

MEMÓRIAS *dum* LÚLÚ *branco*

VÊ-SE ao longe a Casa Branca; do outro lado está um boi a lavrar, e tudo serve de entretimento.

Ora, eu não detesto crianças, isso não; mas prefiro que não tomem demasiada confiança. E quando o Toneco (que está feiosinho, coitado, e mais magro que um palito) me puxa pelo rabo, rosno-lhe a minha opinião duma maneira bem clara — e êle foge logo a sete pés!

Desconfio que êle, no fundo, tem um certo medo que eu lhe morda.

De vez em quando resolvo-me a dar uma vista de olhos pela quinta, a ver se está tudo em ordem nas capoeiras, na arribana, na cocheira, na leitaria e no lagar. As capoeiras aborrecem-me um pouco, pela pouca vivacidade que têm as galinhas e a toleima incomensurável dos galos!

Sempre a erguerem a cabeça quanto podem, a darem uns passos cheios de solenidade, parecem-me uns toleirões, uns vaidosos, uns bichos que se julgam superiores aos próprios cães!

E olham-me como se eu pretendesse casar com alguma das frangas, umas patetinhas que só vivem para comer! Mas se os galos são assim embirrantes, que direi eu dos patos e dos gansos? O pavão é cheio de toleima; e os perús? Os patos, ainda assim, são modestos; afastam-se do meu caminho a bambolear-se para os lados, com os beiços largos a bater uns nos outros e limitam-se a dizer, para me indicar o caminho:

— Acolá! Acolá! Acolá!

Realmente, não chegam a incomodar-me.

Mas os gansos, êsse enorme bando de idiotas impertinentes, andando sempre todos juntos, de cabeça para o ar e bico aberto, prontos a morder quando eu viro costas e dando gritos estridentes que se metem pelos ouvidos dentro: Fóra daqui! Fóra daqui! Fóra daqui! — como se a quinta fôsse deles, tal qual! A verdade é que lhes não ligo a menor importância.

No meio das capoeiras há uma, maior do que as outras, onde estão umas dezenas de coelhos. Os brancos têm certas pretensões, acham-se parecidos comigo e olham para mim com simpatia com os seus olhos muito encarniçados.

Já tentei conversar com a mãe coelha, uma vez que a vi em pé, com as mãos penduradas, ao pé da grade. Mas apenas ouviu a minha voz forte sentiu-se intimidada, coitada; as orelhas, que estavam bem erguidas (e são, como as minhas, forradas de côr de rosa), caíram logo para baixo; e ela aninhou-se a um canto, sem poder encarar-me, por acanhamento. Por mais que eu batesse com a pata na grade, ela nem se mexia. Que tola!

Um dia passou-se ao pé da cosinha dos animais um episódio engraçado que fez correr lágrimas de riso à pequenada e ainda hoje me dá vontade de rir a mim.

Deram de presente ao meu dono uma cabrita castanha muito engraçada. Como eu não sou grande (o que denota a pureza da minha raça de lúlú), a cabrinha, a-pesar-de muito nova, era maior do que eu.

Chamava-se ela *Princesa*; e, realmente, embora eu nunca visse uma princesa verdadeira, pelas histórias que tenho ouvido ler alto nas revistas e ilustrações, julgo que o nome era bem posto, pois ela é encantadora. Quiz a Mimi apresentar-me à *Princesa* e disse-me:

— Lú, vamos lá acima à cabritinha.

Aqui vamos os dois, a dona e eu, depois de eu ter tido o cuidado de me lamber muito bem e alisar os meus bigodes.

Quando chegámos ao terreiro onde a cabrinha está prêsa, logo me pareceu linda! E avancei gentilmente para ela de boca aberta, com os meus branquíssimos dentes bem à mostra, e a língua deitada para fora num largo riso.

Mas a *Princesa,* que vinha a dar saltos engraçadíssimos, estacou de repente diante de mim; eu parei também diante dela (pareceu-me da maior delicadesa imitá-la). Porém, que cómico foi o que se seguiu! A *Princesa* poz-se em pé nas patas de traz e com as mãos muito juntas e a cabeça baixa, vira-se tôda para o lado e atira-se ao chão! Julgando que ela me estava ensinando um movimento moderno, uma nova dança, puz-me também em pé nas patas de traz em frente dela, copiando aquele passo tão engraçado.

Mas olhando para a Mimi vi-a rir tanto e com tanto gôsto que senti de repente o ridículo daquelas nossas atitudes! A cabrinha continuava os seus pinotes para o lado, eu os meus saltos em frente dela; a Mimi a chorar de riso, parecia uma cena do Coliseu: senti necessidade de desabafar e puz-me a ladrar alto e bom som no intervalo dos saltos. Então juntaram-se outras vozes da quinta à minha voz melodiosa: e o *Có-có-ró-có* dos galos, o *Fóra daqui* dos gansos, o *Acolá! Acolá!* dos patos, formava uma verdadeira sinfonia cheia de animação e alegria! Diverti-me deveras!

(Continua)

Charadas e Adivinhas

Nasço tôdas as manhãs
E tôdas as tardes morro,
Durante horas seguidas
Até parece que corro!

Sem mim quem pode viver?
Nem as plantas nem as gentes.
Onde eu estou tudo cresce,
Estão felizes, estão contentes.

Mas também sou mau ás vezes.
Ao meio dia, em pleno céu,
Olham p'ra mim com respeito
Mas não tiram o chapéu!

(A solução vem na página 16)

Ideias duma Lusita sôbre deveres das meninas da Mocidade

As meninas da Mocidade
No inverno devem trabalhar
Mas nas férias devem ver
As belezas do campo e descansar.

Devem dar os seus brinquedos
Aos pobres que os não têm
Ser boas, amáveis e alegres.
E tratar todos muito bem.

Graziela Alvares Pereira de Melo (Cadaval)
"Lusita" — Ala 4 — Centro n.º 6 (Sintra

O LAR

A HABITAÇÃO

LIMPEZAS

(Continuação)

LIMPEZA DE TAPETES

Os tapetes devem ser limpos ao ar livre. Batem-se pelo avêsso e escovam-se pelo direito, pois batê-los do lado do pêlo prejudicá-los-ia muito.

Também se deve evitar sacudir os tapetes, principalmente se são pesados; não tardariam a estragar-se no sítio onde se lhes pegasse com as mãos.

Quando os tapetes estão muito sujos podem-se lavar com água fria em que se deitou um pouco de amoníaco (3 a 4 colheres de amoníaco para um balde de água).

Molha-se nessa água uma escôva com sabão e esfrega-se o tapete. Passa-se em seguida com água limpa. Mas, antes de ser lavado, deve ser escovado para sair o pó.

SOBRADOS EM MADEIRA AO NATURAL

Nem todos os sobrados são encerados e se a madeira se conserva ao natural não basta varrê-la; de vez em quando precisa de ser esfregada.

COMO SE ESFREGA

Antes de esfregar varre-se para tirar a terra.

Não se molha o sobrado todo ao mesmo tempo. Vai-se deitando a água aos poucos, à medida que se vai lavando.

Esfrega-se com a escova e sabão o bocadinho do sobrado que se molhou; depois apanha-se com cuidado a água suja para o sobrado não ficar manchado; passa-se com água limpa e enxuga-se bem, tendo cuidado em não deixar a água empoçada nas gretas. E continua-se assim sucessivamente até estar o chão todo lavado.

Deve esfregar-se na direcção da madeira e ter cuidado em não salpicar os móveis e as paredes.

Para secar, deixam-se as janelas abertas. Estabelecendo-se uma corrente de ar seca mais ràpidamente.

LADRILHOS

Se o chão é de ladrilhos lava-se com água quente e sabão.

LIMPEZA DE MÓVEIS ENVERNIZADOS

Se os móveis são *envernizados*, tira-se-lhe primeiro o pó com um pano húmido, enxuga-se, e depois aplica-se-lhe uma mistura de linhaça com alcool, em partes iguais. Deixa-se secar e esfrega-se com um pano macio para não riscar o verniz. Os ácidos (nódoas de frutos, etc.) e os objectos quentes mancham o verniz e, estando o verniz muito estragado, só o marceneiro o poderá arranjar bem.

MÓVEIS ENCERADOS

Os móveis encerados não se estragam tanto e podem ser arranjados em casa.

Quando estão manchados põe-se-lhe uma nova camada de cera e puxa-se o lustro com um pano de lã ou com uma escova especial. Se a mancha tirou a côr, esfrega-se com lixa fina, dá-se-lhe nòvamente com *vieux-chêne* ou uma cera já misturada com côr (que se compra feita) e depois encera-se como é costume.

O *estofo* dos móveis escova-se com uma escova grossa ou fina, conforme a delicadeza do tecido.

O *mármore* dos móveis lava-se com água e sabão e depois passa-se o mármore com cêra para ficar brilhante.

MÓVEIS PINTADOS

Se os móveis são de *madeira pintada* lavam-se com água e amoníaco.

Sendo de *madeira ao natural* esfregam-se em água e sabão.

As *cadeiras de palha* lavam-se com água salgada para as impedir de amarelecer.

As teclas do *piano* limpam-se com alcool; se estiverem amarelas com água oxigenada.

O assento das cadeiras de *couro* passa-se com cêra como os móveis.

UM GRACIOSO EXEMPLO DO CULTO DA LIMPEZA NO LAR JAPONÊS

O asseio das casas japonesas é inexcedível. No Japão, o asseio é um rito cultural. Conta Wenceslau de Morais, que no Japão, se é asseado mais por devoção do que por higiene.

No Japão os deuses estão em tôda a parte e a todos os momentos; há os deuses do lar, há o deus da cosinha, há o deus da comida, há o deus do pôço, há o deus do lume... a lista não tem fim.

Ora os deuses japonezes deliciam-se com a limpeza; sendo, pois, um acto piedoso satisfazer-lhes a vontade.

Um exemplo gracioso do culto da limpeza no lar japonês — que Wenceslau de Morais cita como testemunha presencial — dá-se quando a criadinha varre a casa fora das horas do costume; porque o varrer, o espanejar, o lavar e tôdas as práticas do asseio têm horas próprias: em geral de manhã e pela tarde, mandando os deuses que à noite se descanse.

Mas imagine-se que se demorou mais o jantar, o que obriga a criadinha a vir após varrer a esteira, embora pela noite. Em semelhantes circunstâncias, não deixará ela de dizer em alta voz estas palavras rituais: "Yomé toru, muko toru; yare, isogashiya, isogashiya!..." *"casou-se a noiva, casou-se o noivo, safa, que azáfama, que azáfama!..." Adorável ingenuidade, denunciando o malicioso propósito de musumé em querer enganar os deuses, procurando convencê-los de que se deu casamento em casa, o que desculpa, naturalmente e excepcionalmente, tôdas as infracções da regra...*

TRABALHOS DE MÃOS

CAPINHA COM CAPUZ

Damos a explicação desta capinha, por nos parecer um trabalho muito conveniente para a estação que começa.

AVIAMENTOS: 200 gr. de lã Bébé: — Lã Marlène ou qualquer outra que tenha 4 fios, 5 agulhas compridas n.º 4 e sem bola na extremidade.

Começa-se por uma das bordas da frente trab. verticalmente. Deitam-se 100 m. na agulha (o que faz pouco mais ou menos 46 cm.). Trab. em p. de lig. 20 malhas numa das extremidades, só se trabalham de 2 em 2 carreiras, isto é, de 4 em 4 agulhas.

Assim se forma o encaixe.

Quando tivermos 440 carreiras para a capa, devemos ter 110 carreiras para o encaixe. Arr. tôdas as malhas. Põe-se de parte. Começa-se o capuz: deitam-se 42 malhas na agulha, trab. verticalmente 116 v. (58 carreiras).

Feita esta parte dobra-se ao meio e cose-se a costura para formar bico para a cabeça.

Faz-se na capa uma carreira de abertos para poder passar uma fita e, sôbre estes, cose-se o capuz de maneira que fique perfeitinho.

Apanham-se tôdas as malhas começando numa ponta para fechar na outra, para se fazer a barra à roda de todo o trabalho, o que nos dá um bonito acabamento.

Para esta barra é que são precisas as 5 agulhas de que se fala no princípio. Em cada uma das pontas da capa faz-se um aumento (isto é, 2 m. na mesma m.), uma volta sim uma não.

Enfia-se uma fita nos abertos e está pronta, a simples e confortável capinha que servirá de agasalho a Bébés de 3 meses como de 12 a 18.

Maneira de fazer os abertos: Apanham-se as malhas do lado do encaixe e pelo lado do avêsso, trab. uma agulha tôda a liso. Na segunda volta fazem-se 2 mates, uma laçada até ao fim. Na outra volta, sôbre cada mate, trab. a malha 2 vezes apanhando a laçada. Isto até ao fim; e assim se conseguirá uns abertos maiorzinhos para enfiar a fita.

* * *

Damos a seguir a explicação de algumas abreviaturas empregadas para que se torne mais curta a descrição dos trabalhos: Ag. para agulha; m. para malha; l. para laçada; p. para ponto; p. lig. para ponto de liga; p. m. para ponto de meia; aum. para aumento; mat. para mate; v. para volta; r. para risca; rem. para qualquer forma de rematar; int. para intervalo; extr. para extremidade; rest. para restantes; dim. para diminuições; carr. para carreira; trab. para qualquer forma de trabalhar.

Estas abreviaturas serão publicadas em todos os números em que tragam modêlos em malhas, e outras que venham a ser necessárias.

PARA A PRÓXIMA VEZ DAMOS A EXPLICAÇÃO DOS SAPATINHOS QUE VÊM FOTOGRAFADOS NESTA PÁGINA

Filiadas !

Todo o Boletim é VOSSO, pórque é escrito para vós. Mas esta «Página» pertence-vos dum modo especial porque sois vós-mesmas que a escreveis. — Dai-nos a vossa colaboração! — Os assuntos ficam à vossa escolha (embora passem pela «censura»...) Como se aproxima o Natal, lembro-vos um assunto: Tradições populares, costumes familiares, versos e contos, etc., em relação com essa festa.

Mas apressai-vos! Que o original do número do Natal terá de ir para a tipografia no fim de Outubro. E como a «Página» é pequena, nenhum artigo deverá exceder 35 linhas.

Impressões da Colónia de Férias da Granja

QUERIDAS raparigas, vou dar-vos, muito resumidamente, um dos aspectos da nossa vida na Colónia da Granja. Escolherei para isso aquêle que mais faz vibrar de entusiásmo e alegria as nossas filiadas. Por acaso adivinhais qual é? Naturalmente não, e disso vos desculpo, porque com certeza não sabeis qual a nossa vida nêste recinto onde só se encontra paz e confôrto.

Recordarei àquelas que tiveram a felicidade de gozar êsses saüdosos e inesquecíveis dias, o momento em que, impacientes, se dirigiam para a praia. É êste que eu vos focarei, porque é êste também o mais apreciado por nós. A praia, deserta, com a sua areia batida pelas ondas que durante a noite o mar lhe lançava com toda a fúria, tinha um aspecto triste, que se transformava logo que os pés travêssos começavam a revolvêr a areia, dando-lhe sinal de vida.

Tôdas, à porfia, entravam nas barracas preparando-se para a aula de gimnástica.

Não é isto ainda o que elas mais desejam, mas sim a ocasião em que, dado o sinal de dispersar, cada uma procura o jôgo que mais lhe interessa. Não penseis que as suas brincadeiras são diferentes daquelas a que estais habituadas a vêr nas praias do nosso querido Portugal! Uma originalidade existe; é que os grupos formados com os matizes dos fatos de banho lembram canteiros perfumados com a alegria da mocidade.

És tu, mar ingrato, que dentro em pouco vais recebêr nas tuas ondas as flôres dêsse lindo jardim que alguém um dia se dignou plantar para engrandecer a nossa linda Pátria.

Podes-te regosijar de contemplar um tal quadro!

Crianças de almas puras e simples brincam com as ondas que veem acariná-las.

Algumas parecem fugir do mar com receio, enquanto as suas companheiras o enfrentam com o sorriso nos lábios.

É êste quadro, cheio de movimento e de surprêsas, que atrai os espectadores que apreciam a juventude em tôda a sua simplicidade e alegria.

Bem tristes ficamos quando há ordem de retirar. O mar vai ficando cada vez mais só, e, desamparado por completo, arremessando as ondas contra os rochêdos, parece chamar cada uma daquelas que lhe leva um bocado da sua alegria.

Maria Arminda Grilo Aidos
Filiada N.º 3.357 - Centro N.º 1 - Ala 1
Província do Douro Litoral

Extracto duma carta escrita da Colónia de Férias do Estoril

Ajuizada Maninha:

Acabei agora o repouso, estando portanto no recreio. Do quintal oiço o barulho que vem daquelas que brincam. Eu roubei um bocadinho ao tempo de folgança para escrever à minha mana porque já tenho muitas saüdades dela. A brincadeira póde esperar, pois tenho ainda tantos dias...

Não julgues que isto é "fôgo de vista", mas sim porque sou muito tua amiguinha (apesar-de às vezes ser mázinha), mas tu deves concordar que também não eras bôa de tôdo nessas ocasiões, não é verdade?

Bem, vou-me sentar muito aconchegadinha nos teus joelhos e contar-te algumas coisas. Atenção! que vou começar e são muitas as novidades que quero dizer. Escuta! Primeiro que tudo o horário; é o seguinte: 7 h. — levantar, arejar camas, toilette; *8 h. — Fazer camas; 8,30 h. — Oração da manhã; 8,45 h. — Pequeno almôço; 9,20 h. — Partida para a praia; 12,30 h. — Regresso da praia; 12,45 h. — Almôço; 13,30 h. — Repouso... silêncio; 15 h. — Levantar, compôr camas, toilette; 15,30 h. — Recreio; 16,15 h. — Lanche; 16,30 h. — Partida para o pinhal; 18,30 h. — Têrço; 19 h. — Canto; 20 h. — Jantar; 21,45 — Oração da noite; 22 h. — Deitar... silêncio.*

Achas bem? Eu acho.

Tôdas as manhãs tomamos duche.

As mais crescidas (eu faço parte dessas) tomam conta das mais pequeninas, isto é, fazem-lhes as camas, arranjam-nas, etc.

Eu estou encarregada duma pequenina de Beja; tem 8 anos, mas parece ter menos, pois é muito franzina. Gosto já muito dela, basta sêr do nosso querido Alentejo e sobretudo não ter cá a sua mãizinha.

Eu, que já sou uma mulherzinha, como vocês dizem, tenho tantas saüdades, que fará ela, tão pequena, coitadinha!

Estou muito contente com o quarto: é grande e tem 4 grandes janelas; tem 6 camas, por conseguinte somos 6 raparigas no mesmo quarto: eu fico no meio da Maria Antónia e da prima da Ivone. Como te deves lembrar era uma pequerrucha muito engraçada e muito minha amiga.

De manhã, como já sou crescidinha e me despacho depressa, ajudo-lhe a fazer a cama e faço-lhe as tranças.

As outras 3 colegas também são minhas conhecidas: 2 do nosso Liceu e a outra é a irmã da Mariana da minha turma.

Não sei se a conheceste; é muito simpática.

Damo-nos tôdas muito bem: ajudamo-nos mutuamente em alegre camaradagem.

Temos muitos entretenimentos: baloiços e escorregadores como no parque infantil do jardim da Estrêla, etc.

Tenho-me portado com muito juizinho. Mesmo tu bem o sabes: sou muito brincalhona mas bôa rapariga. O paizinho que não esteja zangado comigo porque eu para o ano hei-de recuperar o que perdi neste.

Agora vais tu contar à tua Aninhas o que tens feito, sim?

Vá, responde.

Tens brincado muito?

..

..

Adeus. Beijos à avózinha, paizinhos e Bia. Cumprimentos às vizinhas e a todas as pessoas conhecidas.

Mil beijos da mana muito amiguinha. Anita